



Entre Conservas e Transformações: Psicodrama no Enfrentamento das Violências de Gênero

Maria Inês Gandolfo Conceição¹

Ana Luísa Silva Iunes

Mariana Leão Côrtes Berquó

Acileide Cristiane Fernandes Coelho

RESUMO

A violência de gênero permanece como uma das expressões mais persistentes das desigualdades estruturais que atravessam a sociedade brasileira. Apesar de avanços legais e da ampliação do debate público, os índices de violência, especialmente no âmbito doméstico e relacional, seguem alarmantes, evidenciando que não se trata apenas de um problema individual, mas de um fenômeno sociocultural profundamente enraizado. Os três trabalhos que compõem esta mesa convergem na compreensão de que o sofrimento psíquico feminino não pode ser analisado dissociado das estruturas sociais que produzem e sustentam relações assimétricas de poder. A conserva cultural opera como uma pedagogia dos afetos, ensinando modos de sentir, amar, silenciar e suportar, organizando papéis de gênero que naturalizam desigualdades e violências. Nesse contexto, o psicodrama emerge como dispositivo privilegiado de problematização e transformação dessas conservas culturais. O primeiro trabalho propõe o psicodrama como uma pedagogia afetiva crítica, capaz de intervir nas aprendizagens emocionais que sustentam a violência de gênero. Ao favorecer a dramatização de experiências silenciadas, a validação das emoções e a reorganização dos vínculos, o método amplia a consciência sobre as dinâmicas de poder internalizadas, promovendo modos mais espontâneos e criativos de relação. O segundo estudo apresenta um panorama das produções psicodramáticas brasileiras sobre violência contra as mulheres, evidenciando tanto a potência do sociodrama como método de intervenção quanto a escassez de pesquisas e a necessidade de maior incorporação consistente das teorias de gênero e das perspectivas interseccionais. A análise revela desafios epistemológicos e metodológicos, apontando para a urgência de ampliar o diálogo entre psicodrama, estudos de gênero e políticas públicas. O terceiro trabalho desloca a discussão para o campo das políticas sociais, apresentando experiências concretas no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). As intervenções sociodramáticas grupais demonstram-se potentes estratégias de fortalecimento de vínculos, ampliação da autonomia e construção de

¹ Psicodramatista Didata Supervisora pela Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama - ABP, Professora Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). E-mail: inesgandolfo@gmail.com



convivências protetivas, contribuindo para a ressignificação de experiências de violência e para o desenvolvimento de respostas mais conscientes frente às vulnerabilidades territoriais. Em conjunto, os trabalhos afirmam a socionomia como prática ético-política comprometida com a transformação das relações sociais. Ao articular análise crítica, produção de conhecimento e intervenção grupal, a mesa propõe um diálogo sobre os desafios contemporâneos no enfrentamento das violências de gênero, reafirmando o grupo como espaço simultâneo de cuidado, conscientização e ação coletiva. Trata-se, portanto, de pensar o psicodrama não apenas como técnica terapêutica, mas como prática social implicada na construção de comunidades menos violentas, mais reflexivas e comprometidas com a dignidade humana.

Palavras-chave: Psicodrama. Violência contra as Mulheres. SUAS. Intervenção Grupal. Transformação Social.

Psicodrama para o enfrentamento da violência de gênero

Ana Luísa Silva Iunes²

RESUMO

A violência de gênero constitui uma das expressões mais persistentes e naturalizadas das desigualdades estruturais que atravessam a sociedade brasileira. Apesar dos avanços jurídicos, da ampliação do debate público e do crescimento de políticas voltadas à proteção das mulheres, os índices de violência seguem alarmantes, especialmente no âmbito doméstico e relacional. Pesquisas recentes demonstram que o sofrimento psíquico feminino não pode ser compreendido fora das estruturas sociais que moldam subjetividades, delimitam possibilidades de vida e produzem vulnerabilidades específicas. A cultura atua como uma verdadeira pedagogia dos afetos, ensinando, de forma explícita e implícita, como mulheres e homens devem sentir, amar, silenciar, suportar e reagir. Este trabalho tem como objetivo defender o psicodrama como uma pedagogia afetiva capaz de atuar criticamente no enfrentamento da violência de gênero, evidenciando sua potência enquanto dispositivo grupal de cuidado, conscientização e transformação das relações, contribuindo para a desconstrução de conservas culturais que naturalizam

² Psicodramatista Didata Supervisora pela Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama - ABP, Doutoranda e Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). E-mail: analuisaiunes@gmail.com



o sofrimento feminino e para a construção de modos de subjetivação mais conscientes, criativos e responsáveis. Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, fundamentado em revisão crítica de literatura e análise conceitual de produções contemporâneas nas áreas de psicodrama, gênero e saúde mental. A metodologia dialoga com a perspectiva da pesquisa-ação, própria do psicodrama, compreendendo o grupo como espaço simultâneo de investigação e intervenção. A análise teórica evidencia que a violência de gênero é sustentada por aprendizagens afetivas que organizam relações de poder e submissão desde a infância. O psicodrama se destaca como um dispositivo privilegiado para a ruptura dessas lógicas ao possibilitar que experiências silenciadas sejam colocadas em ação, favorecendo a tomada de consciência, a validação das emoções e a reorganização dos vínculos. Ao favorecer a circulação da palavra, a validação das emoções e a criação de novos modos de relação, o psicodrama contribui para a construção de comunidades mais conscientes, menos violentas e mais comprometidas com a vida.

Palavras-chave: Psicodrama, Violência de gênero, Pedagogias afetivas.

1. INTRODUÇÃO

A violência de gênero constitui uma das expressões mais persistentes e naturalizadas das desigualdades estruturais que atravessam a sociedade brasileira. Apesar dos avanços jurídicos, da ampliação do debate público e do crescimento de políticas voltadas à proteção das mulheres, os índices de violência seguem alarmantes, especialmente no âmbito doméstico e relacional. Tal cenário revela que a violência não se sustenta apenas por atos individuais, mas por uma complexa trama cultural que organiza afetos, expectativas e modos de existir.

Pesquisas recentes demonstram que o sofrimento psíquico feminino não pode ser compreendido fora das estruturas sociais que moldam subjetividades, delimitam possibilidades de vida e produzem vulnerabilidades específicas (ZANELLO, 2018; RICHWIN & ZANELLO, 2023; MAGALHÃES et al., 2023). A cultura atua como uma verdadeira pedagogia dos afetos, ensinando, de forma explícita e implícita, como mulheres e homens devem sentir, amar, silenciar, suportar e reagir. Músicas, filmes, narrativas familiares, discursos religiosos e práticas institucionais operam como tecnologias de gênero que naturalizam a submissão feminina, a culpabilização das vítimas e a banalização da violência.

Nesse contexto, a violência deixa de ser um evento isolado e passa a ser compreendida como um produto de aprendizagens afetivas e relacionais, transmitidas ao longo de gerações.

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



O sofrimento feminino, frequentemente medicalizado ou individualizado, revela-se como resposta coerente a uma organização social que distribui desigualmente poder, proteção e reconhecimento.

O psicodrama, enquanto teoria e método voltado ao cuidado dos afetos e das relações, apresenta-se como ferramenta potente para intervir nesses processos. Fundamentado nos conceitos de vínculo, papel, conserva cultural e espontaneidade-criatividade, o psicodrama compreende que os modos de existir são aprendidos, performados e, portanto, passíveis de transformação (MORENO, 2001; NERY, 2003; NERY, 2010). Mais do que uma técnica terapêutica, o psicodrama se configura como prática ética e política, capaz de tensionar conservas culturais que sustentam desigualdades e de produzir novas formas de relação consigo, com o outro e com a coletividade.

Este trabalho tem como objetivo defender o psicodrama como uma pedagogia afetiva capaz de atuar criticamente no enfrentamento da violência de gênero. Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, fundamentado em revisão crítica de literatura e análise conceitual de produções contemporâneas nas áreas de psicodrama, gênero e saúde mental. O trabalho articula contribuições de autoras e autores como Zanella (2018), Vomero (2025), Nery (2003; 2010), Moreno (2001) e Berquó (2025), além de estudos empíricos que investigam a interseccionalidade entre gênero, raça e classe na produção de vulnerabilidades e no acesso ao cuidado.

A metodologia dialoga com a perspectiva da pesquisa-ação, própria do psicodrama, compreendendo o grupo como espaço simultâneo de investigação e intervenção. São analisados conceitos centrais como pedagogia afetiva, tecnologias de gênero, vínculos, papéis sociais, conservas culturais e espontaneidade-criatividade, buscando demonstrar como esses elementos se articulam tanto na manutenção quanto na transformação de dinâmicas violentas.

Busca-se evidenciar a potência do psicodrama enquanto dispositivo grupal de cuidado, conscientização e transformação das relações, contribuindo para a desconstrução de conservas culturais que naturalizam o sofrimento feminino e para a construção de modos de subjetivação mais conscientes, criativos e responsáveis.

2. DESENVOLVIMENTO

A análise teórica evidencia que a violência de gênero é sustentada por aprendizagens afetivas que organizam relações de poder e submissão desde a infância. Dispositivos amorosos,

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



maternos e de eficácia, descritos por Zanello (2018), operam como roteiros que moldam expectativas, comportamentos e formas de vinculação, configurando uma economia afetiva que legitima desigualdades e naturaliza o sofrimento feminino.

Nesse cenário, o psicodrama se destaca como um dispositivo privilegiado para a ruptura dessas lógicas. Ao trabalhar com o corpo, com a cena e com o grupo, o método possibilita que experiências silenciadas sejam colocadas em ação, favorecendo a tomada de consciência, a validação das emoções e a reorganização dos vínculos. O palco psicodramático torna-se um espaço de realidade suplementar onde é possível revisitar papéis, questionar conservas culturais e experimentar novas respostas relacionais.

A revisão integrativa de Berquó (2025) aponta que, embora ainda escassa, a produção científica em psicodrama voltada ao enfrentamento da violência de gênero revela efeitos significativos no aumento da espontaneidade, da consciência crítica e na ressignificação de papéis femininos. As intervenções favorecem o fortalecimento da autonomia, a ampliação do repertório relacional e a diminuição de padrões de silenciamento e submissão.

Além disso, ao deslocar o foco do sofrimento individual para a compreensão dos determinantes culturais e estruturais da violência, o psicodrama contribui para a politização da experiência emocional. Esse movimento amplia o senso de pertencimento, fortalece redes de apoio e favorece a construção de respostas coletivas, condição essencial para a prevenção da violência.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados reforçam que o enfrentamento da violência de gênero exige intervenções que atuem não apenas sobre sintomas individuais, mas sobre os processos de subjetivação e as pedagogias afetivas que sustentam desigualdades. O psicodrama se apresenta, nesse sentido, como ferramenta potente para promover transformações individuais, grupais e comunitárias.

Ao favorecer a circulação da palavra, a validação das emoções e a criação de novos modos de relação, o psicodrama contribui para a construção de comunidades mais conscientes, menos violentas e mais comprometidas com a vida. Mais do que um método clínico, afirma-se como prática ética e política, capaz de devolver às mulheres a possibilidade de serem autoras de suas próprias narrativas.

REFERÊNCIAS

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



- BERQUÓ, Mariana Leão Côrtes. Violência de gênero e psicodrama: revisão integrativa da Revista Brasileira de Psicodrama. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 33, e1725, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.709>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- MAGALHÃES, Bruna Maia; ZANELLO, Valeska; RICHWIN, Iara Flor. Revisão sistemática da literatura sobre os afetos e subjetividade de mulheres envolvidas em relações violentas. In: HUGILL, M. S. G. et al. Estudos e práticas sobre violências domésticas, familiares e acesso à justiça. Florianópolis: Academia Judicial, 2023. p. 604–627.
- MORENO, Zerka. A realidade suplementar e a arte de curar. São Paulo: Ágora, 2001.
- NERY, Maria da Penha. Vínculo e afetividade. Caminhos das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2003.
- NERY, Maria da Penha. Grupos e intervenção em conflito. São Paulo: Ágora, 2010.
- RICHWIN, Iara Flor; ZANELLO, Valeska. “Desde casa, desde berço, desde sempre”: violência e mulheres em situação de rua. Revista Estudos Feministas, v. 31, n. 1, p. 1–15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n177926>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: culturas e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

Violência de gênero e psicodrama: contribuições e lacunas na produção científica brasileira

Mariana Leão Côrtes Berquó³

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões a partir de um artigo de revisão integrativa que investigou como a violência de gênero contra as mulheres tem sido abordada pelo psicodrama no Brasil, a partir das publicações da Revista Brasileira de Psicodrama no período de 2010 a 2024. A violência contra as

³ Psicodramatista Didata Supervisora pela Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama - ABP, Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). E-mail: marianaleaocb@gmail.com

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



mulheres é compreendida como um fenômeno social complexo, sustentado por relações históricas e estruturais de poder, com impactos significativos na saúde mental, nas relações sociais e na vida coletiva. O estudo teve como objetivo analisar os principais temas, métodos de intervenção e fundamentações teóricas presentes nas produções psicodramáticas sobre a temática, bem como identificar lacunas e desafios para o avanço das pesquisas na área, por meio de revisão integrativa de literatura. Foram selecionados seis artigos, a partir de cinco descritores. Os resultados evidenciam a escassez de publicações sobre o tema, a predominância de intervenções em contexto de justiça e o destaque do sociodrama como método potente de intervenção grupal. Observou-se que apenas parte dos estudos incorporou teorias de gênero de forma consistente, sendo raras as abordagens que consideram interseccionalidades, o que pode gerar interpretações limitadas e individualizantes. Conclui-se que há necessidade de ampliar e aprofundar as pesquisas psicodramáticas sobre violência de gênero, integrando perspectivas socioculturais e estruturais que contribuam para práticas mais críticas, éticas e transformadoras.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Violência de gênero; Relações de gênero; Psicodrama.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, marcado por estruturas patriarcais, racistas e machistas, as violências de gênero permanecem naturalizadas e sustentadas por hierarquias sociais baseadas na cis-heteronormatividade (Butler, 2023; Zanello, 2018). Neste contexto, a violência contra as mulheres permanece amplamente naturalizada e sustentada por hierarquias de poder, e define-se como qualquer ação baseada no gênero que cause dano físico, sexual ou psicológico (Convenção Interamericana de Direitos Humanos, 1994), sendo reconhecida como grave problema de saúde pública, persistente e multifacetado (Bandeira, 2014; OMS, 2005; Pedrosa & Zanello, 2016). Essas violências majoritariamente ocorrem em ambiente doméstico, estão ligadas às dinâmicas interpessoais, patriarcais e estruturais e têm alta reincidência, trazendo danos físicos, psicológicos e sociais significativos.

Dados recentes revelam a magnitude do fenômeno, com alta incidência no ambiente doméstico e forte relação com desigualdades de raça, classe e gênero. De acordo com dados do trans Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2025) dezenas de milhares de mulheres foram assassinadas na última década, com alta incidência de violência doméstica e crescimento

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



expressivo da violência contra mulheres trans, sendo que as ocorrências atingem especialmente mulheres negras, evidenciando a dimensão interseccional do problema.

O fenômeno da violência contra as mulheres precisa ser abordado considerando suas dimensões social, coletiva e aquela mais íntima, o campo das afetividades e emoções. A violência doméstica evidencia a importância de se compreender as relações no contexto sociopolítico e cultural, levando em conta as configurações específicas de raça, etnia, classe social e gênero (Zanello, 2018). As emocionalidades são desenvolvidas em um campo histórico e social que cria entre homens e mulheres caminhos diferentes de subjetivação (Magalhães *et al.*, 2023), que reforçam relações desiguais, como os dispositivos materno e amoroso para as mulheres, e o da eficácia para os homens (Zanello, 2018; Zanello *et al.*, 2022). Estudos têm mostrado como essas dinâmicas constitutivas participam significativamente da vulnerabilização das mulheres às diversas formas de abuso e violências (Zanello *et al.*, 2022).

Diante da insuficiência de políticas públicas e estratégias de enfrentamento, torna-se necessário ampliar pesquisas e intervenções na área, o que suscita o questionamento de como o psicodrama tem contribuído para a compreensão e intervenção da questão. Este trabalho tem como objetivo apresentar os principais achados de uma revisão integrativa realizada por Berquó (2025), que analisou como a violência de gênero contra as mulheres tem sido abordada nas produções da Revista Brasileira de Psicodrama, identificando contribuições, limites e desafios para o campo.

2. DESENVOLVIMENTO

A revisão integrativa analisou artigos publicados entre 2010 e 2024 na Revista Brasileira de Psicodrama (RBP). A pesquisa ocorreu em três etapas. Na primeira, foi realizada uma busca utilizando cinco grupos de descritores: *Violência de gênero*, que localizou duas publicações; *Violência contra a mulher*, encontrando uma publicação; *Violência doméstica*, com cinco publicações; *Violência sexual*, com oito publicações; *Violência intrafamiliar*, com quatro publicações. Houve também a busca pelo descritor violência conjugal, descartado por não ter localizado publicações. A busca resultou no total de 20 publicações, das quais cinco foram excluídas por duplicidade. A segunda etapa foi a leitura dos títulos e resumos das 15 publicações. Por fim, a terceira etapa consistiu na leitura na íntegra e na análise qualitativa dos seis artigos selecionados conforme os critérios de seleção e exclusão. A seleção resultou na exclusão de nove publicações, uma por ser uma apresentação de livro, outra por ser um artigo

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



de reflexão, uma por trabalhar o impacto da violência transgeracional, e seis por tratarem da violência contra crianças e adolescentes. Após a aplicação desses critérios, a amostra final resultou em seis artigos, evidenciando a escassez de produções psicodramáticas sobre o tema e indicando que a problemática ainda ocupa espaço restrito na literatura da área.

Predominaram pesquisas de abordagem qualitativa, em sua maioria relatos de experiência e estudos de intervenção de âmbito socioeducacional, realizados principalmente em contextos do sistema de justiça. Estes envolveram grupos de mulheres em situação de violência, homens autores de violência ou grupos mistos. Houve apenas um artigo do contexto clínico. O sociodrama destacou-se como o método de intervenção mais utilizado, evidenciando-se como recurso potente para favorecer conscientização, expressão de experiências, reflexão crítica sobre papéis sociais e a construção de novas formas de relação.

Os resultados também apontaram que a teoria de papéis é predominantemente utilizada como fundamento teórico psicodramático, contudo nem sempre articulada de forma consistente às teorias de gênero. Apenas parte dos estudos considerou explicitamente a violência de gênero como fenômeno histórico e estrutural, o que pode levar a leituras individualizantes e à psicologização da violência.

Foram observadas lacunas importantes, como a ausência de análises interseccionais que considerem raça, classe social e identidade de gênero, além da invisibilização das experiências de mulheres trans, limitando a compreensão da complexidade da violência de gênero. Essas limitações indicam a necessidade de ampliação das pesquisas psicodramáticas sobre o tema, com maior integração entre a socionomia, os estudos de gênero e as discussões sobre desigualdades estruturais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do potencial do psicodrama, e especialmente do sociodrama, para o enfrentamento da violência de gênero, os resultados evidenciam uma produção científica escassa sobre a temática no campo psicodramático brasileiro, revelando a necessidade de maior aprofundamento teórico e metodológico sobre a violência de gênero. Torna-se fundamental ampliar as pesquisas que integrem de forma consistente teorias de gênero e perspectivas interseccionais, evitando abordagens reducionistas e individualizantes. O fortalecimento da produção científica nessa área pode contribuir para práticas psicodramáticas mais críticas,



éticas e comprometidas com a transformação social, ampliando as estratégias coletivas de prevenção e enfrentamento da violência contra as mulheres.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, L. M. (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Sociedade e Estado*, 29(2), 449-469. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>
- BERQUÓ, M. L. C. Violência de gênero e psicodrama: revisão integrativa da Revista Brasileira de Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, [S. l.], v. 33, 2025. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/709>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- CONVENÇÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. *Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher*. Organização dos Estados Americanos, 1994. Disponível em: <https://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Atlas da violência 2025*. Brasília: IPEA, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- MAGALHÃES, B. M.; ZANELLO, V.; FERREIRA, I. F. R.. Affects and emotionalities in women who have suffered intimate partner violence. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 25, n. 3, ePTPCP15159, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP15159.en>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: initial results on prevalence, health outcomes, and women's responses*. Geneva: WHO, 2005. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/924159358X>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- PEDROSA, M., & ZANELLO, V. (2016). (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(spe.), 1-8. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne214>

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, V., RICHWIN, I. F., PEDROSA, M., & GAMA, M. Ideal estético, dispositivo amoroso e vulnerabilização de mulheres heterossexuais diversas na prateleira do amor. In: RODRIGUES, M. L.; PAULINO, S. E. *Violência doméstica: trabalho e produção do conhecimento*. Curitiba: CRV, 2022. 125-141.

A potência do sociodrama no enfrentamento das violências de gênero no SUAS

Acileide Cristiane Fernandes Coelho⁴

RESUMO

Este trabalho discute a potência da Socionomia e de práticas coletivas fundamentadas no sociodrama como estratégia de enfrentamento às violências de gênero no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Apresenta duas experiências de intervenções grupais com mulheres atendidas pelo SUAS, tendo como eixos a violência de gênero e outras desproteções relacionais. O primeiro grupo ocorre mensalmente no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, com cerca de vinte e cinco participantes. O segundo desenvolveu-se ao longo de um ano, também com encontros mensais, reunindo vinte mulheres acompanhadas pela proteção básica e pela média complexidade da Política de Assistência Social. As ações priorizaram o fortalecimento de vínculos comunitários, a ampliação da autonomia e a promoção de convivências protetivas. Foram trabalhados temas como papéis de gênero, contextos de violência e conservas culturais que sustentam desigualdades. Diante do aumento da violência doméstica e do feminicídio, reafirma-se o papel estratégico da Assistência Social na oferta de seguranças socioassistenciais e na construção de espaços coletivos de proteção. Os grupos sociodramáticos têm se consolidado como dispositivos de acolhimento, reconhecimento e fortalecimento entre mulheres, favorecendo a expressão de vivências silenciadas, a ressignificação das experiências de violência e o desenvolvimento de respostas mais espontâneas frente às vulnerabilidades e riscos no território.

⁴ Psicodramatista Didata Orientadora pela Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama - ABP, Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (UnB). Trabalhadora do SUAS. E-mail: leidecris@gmail.com



Palavras-chave: Sociodrama. Violência contra mulher. Violência de gênero. SUAS. Política Nacional de Assistência Social.

1. INTRODUÇÃO

A complexidade da violência de gênero exige a análise das estruturas de poder e das dinâmicas que a sustentam. Enfrentá-la implica reconhecer sua base estrutural e formular estratégias que assegurem direitos e proteção. Tal enfrentamento demanda múltiplas frentes, entre elas o fortalecimento de políticas públicas voltadas à ampliação das proteções sociais. Além disso, é imprescindível uma abordagem interseccional que considere classe, raça e gênero na compreensão dos sistemas de prevenção e cuidado. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025, em 2024, quatro mulheres foram assassinadas por dia por razões de gênero; 63,6% das vítimas de feminicídio eram negras e 35,7%, brancas (FBSP, 2025).

A Política de Assistência Social, em seus diferentes níveis, desempenha papel fundamental nesse enfrentamento ao garantir seguranças socioassistenciais e promover espaços coletivos de fortalecimento de vínculos e reconhecimento social (BRASIL, 2004). Como as unidades do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) estão inseridas nos territórios onde essas mulheres vivem, é essencial qualificar o acesso a serviços, benefícios e programas ofertados (BAUMGARTEN; BÖLTER, 2023).

Nesse contexto, a Socionomia e métodos como o sociodrama convergem com os objetivos do SUAS ao priorizarem a segurança de convívio e o cuidado relacional. Fundamentado em Moreno (2014), o sociodrama permite trabalhar coletivamente a violência como fenômeno relacional e estrutural, inscrito nas dinâmicas grupais e culturais. Ao dramatizar papéis sociais e padrões de vínculo que sustentam desigualdades, favorece a problematização e a construção de novas respostas. A ação dramática estimula a consciência crítica e a espontaneidade, contribuindo para alternativas mais protetivas nos territórios.

Diante disso, este trabalho objetiva discutir a potência da Socionomia e de práticas coletivas ancoradas no sociodrama como estratégia de enfrentamento às violências de gênero no SUAS, a partir de duas experiências de intervenções grupais com mulheres, centradas nas desproteções relacionais e na violência de gênero.

2. DESPROTEÇÃO RELACIONAL E ENFRENTAMENTO COLETIVO COM

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



MULHERES NO SUAS

As desproteções relacionais manifestam-se por meio de violências, preconceitos, intolerâncias, conflitos e isolamento social, gerando subalternidades e rompimentos de vínculos que atingem, sobretudo, grupos historicamente marginalizados (TORRES, 2022). No SUAS, onde a maioria das pessoas atendidas são mulheres negras (ALVES ET AL., 2021), torna-se essencial adotar uma perspectiva interseccional que articule gênero, raça e classe, considerando que as violências se combinam e se intensificam segundo esses marcadores sociais.

O trabalho coletivo com mulheres no SUAS envolve enfrentar diversas expressões de violência — psicológica, física, patrimonial, verbal, vicária — muitas vezes entrelaçadas com racismo e isolamento. Ao considerar essas experiências como desproteções relacionais, amplia-se a capacidade de intervenção do SUAS, articulando proteção social e fortalecimento de vínculos para promover reconhecimento, autonomia e acesso a direitos.

Práticas psicodramáticas têm mostrado contribuição relevante nesse campo do trabalho coletivo envolvendo a questão da violência de gênero. Estudos como de Giombelli (2018) com grupos com mulheres que sofreram violência doméstica utilizando métodos sociodramáticos evidenciam a criação de vínculos, a reflexão compartilhada e a multiplicação de resultados no enfrentamento à violência.

3. O SOCIODRAMA COMO MÉTODO DE INTERVENÇÃO EM GRUPOS COM MULHERES NO SUAS

No campo das intervenções voltadas à violência de gênero, Berquó (2025) aponta o sociodrama como o método mais utilizado, com resultados relevantes. Neste trabalho, destaco sua centralidade em minha trajetória de aproximadamente dezoito anos de atuação com grupos no SUAS, corroborando a literatura quanto à potência do método no enfrentamento das desproteções relacionais.

Descrevem-se dois grupos de acompanhamento coletivo com mulheres no SUAS, em unidades do Distrito Federal vinculadas à Secretaria de Desenvolvimento Social, com foco na prevenção de desproteções relacionais e no enfrentamento das violências de gênero.

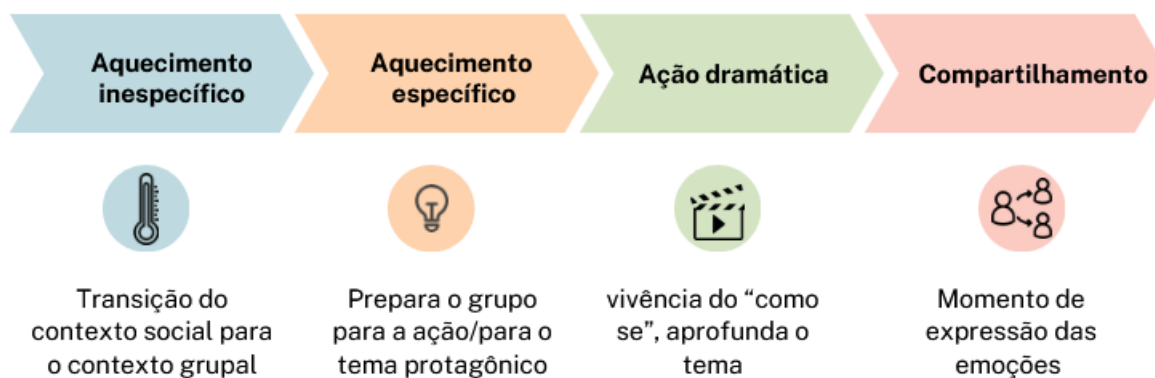
1. *Grupo com foco na promoção de convivências protetivas*: realizado mensalmente com cerca de 25 mulheres do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Os

encontros abordam temas relacionados às relações cotidianas, aos direitos das mulheres e às violências estruturais.

2. *Grupo voltado à prevenção da violência doméstica e à ampliação da autonomia:* participaram cerca de 20 mulheres, desenvolvido em ciclo anual, com encontros mensais estruturados em quatro eixos — minha história, minha família, meu trabalho e minha comunidade. Em 2025, um ciclo foi concluído, com nova edição prevista para 2026.

Participam mulheres com vivências de violência, inclusive com medida protetiva, e outras que, ao longo do processo, passam a reconhecer microviolências e dimensões estruturais das desigualdades, como o racismo. Temas relacionados às seguranças socioassistenciais da PNAS — renda, apoio e autonomia — atravessam os encontros, organizados conforme as etapas sociodramáticas (Figura 1).

Figura 1 – Etapas sociodramáticas



Fonte: A autora

4. SÍNTESE DE RESULTADOS

Os grupos sociodramáticos na ampliação de vínculos com os serviços e acesso à direitos

As intervenções evidenciaram que os grupos sociodramáticos fortaleceram o vínculo das mulheres com o SUAS, ampliando a confiança nas equipes e a circulação pelas ofertas socioassistenciais. Ao vivenciarem o grupo como espaço de escuta e acolhimento, passaram a

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



reconhecer o serviço como referência de proteção, favorecendo o acesso a benefícios, orientações e encaminhamentos necessários à garantia de direitos.

O grupo como espaço de experimentar novos modelos de relações e convivências protetivas

Os encontros configuraram-se como espaço seguro para experimentar formas mais protetivas de relação. Ao dramatizar conflitos, papéis e situações de violência, as mulheres ensaiaram respostas distintas das conservas culturais que sustentam desigualdades. O grupo favoreceu vínculos solidários, fortalecendo redes de apoio e ampliando repertórios relacionais baseados no respeito e na reciprocidade.

O sociodrama produzindo reflexões críticas, reconhecimento social e autonomia

O sociodrama possibilitou problematizar as violências vividas, promovendo reconhecimento social e ampliando a consciência crítica sobre desigualdades de gênero e raça. A ação dramática favoreceu a expressão de vivências silenciadas e a ressignificação de trajetórias marcadas por desproteções, contribuindo para o fortalecimento da autonomia e para respostas mais conscientes diante das vulnerabilidades nos territórios.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sociodrama configura-se como método potente no enfrentamento das violências de gênero no SUAS. Ao promover espaços coletivos de acolhimento, problematização e experimentação de novas formas de relação, as intervenções contribuíram para fortalecer vínculos com os serviços, ampliar o acesso a direitos e construir convivências mais protetivas. Evidencia-se que o trabalho grupal sociodramático não apenas favorece a reflexão crítica sobre as desproteções relacionais, mas também impulsiona processos de reconhecimento social e autonomia, reafirmando o papel do SUAS na produção de proteção e transformação nos territórios.

REFERÊNCIAS

Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026



- ALVES, C. DE O., MURTA, S. G., & MOREIRA, A. L. C. Sobre presença e ausência: revisão de literatura sobre mulheres negras no suas. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As*, 601–628, 2021. Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1106>. Acesso: 01 de fev. 2026.
- BAUMGARTEN , J. T., & BÖLTER, S. G.. A política pública de assistência social e a violência contra as mulheres. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, 21(10), 17363–17376, 2023. <https://doi.org/10.55905/oelv21n10-153>
- BERQUÓ, M. L. C. Violência de gênero e psicodrama: revisão integrativa da Revista Brasileira de Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 33, 2025. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.709>
- BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Política Nacional de Assistência Social*. Secretaria Nacional de Assistência Social. 2004.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279>. Acesso em: 27 jan. 2026.
- GIOMBELLI, V. Violência doméstica em cena: perspectivas psicodramáticas com grupo de mulheres no judiciário. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 114-119, 2018. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/109>. Acesso: 01 de fev. 2026.
- MORENO, J.L. *Psicodrama*. São Paulo: CULTRIX, 2014 (ORIGINAL 1975).
- TORRES A. S. Segurança de convivência no SUAS: proteção em situações de violação de Direitos Humanos. Em: R. F. S Paula (Orgs) (2022). *Direitos humanos em tempos de barbárie: Questionar o presente para garantir o futuro*. Cortez Editora, 2022.